



Homenagem ao Engenheiro Manuel Rocha LNEC, 8 de outubro de 2013

Intervenção do Bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos

O Eng. Manuel Rocha, personalidade imperecível na história do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), do qual foi Diretor durante vinte anos, foi não só um dos seus pioneiros, mas a sua *alma mater*, sendo uma das referências incontornáveis entre os engenheiros portugueses de prestígio nacional e internacional.

O LNEC, fundado em 1946, surge num momento da história de Portugal, no pós-guerra, em que os engenheiros tinham a clara perceção de que o País vivia uma situação extremamente deficitária a nível tecnológico que era preciso colmatar. Foi uma decisão que possibilitou que a Engenharia portuguesa e, em particular, a Engenharia Civil, granjeasse o prestígio que tem e que permitiu, com Engenharia nacional, que o País executasse as infraestruturas que todos usufruímos sem dar por isso.

Numa altura em que na nossa sociedade se observa a desvalorização da Engenharia e do papel do engenheiro na sociedade, refiro as propostas constantes do livro de Jacques Attali intitulado “A Crise, e agora”. No capítulo das sugestões que intitula por “pôr ordem na economia” salienta que, e passo a citar, “temos de privilegiar as carreiras de engenheiro e de investigador” (fim de citação). Era esse, disso estou convicto, o pensamento de Manuel Rocha.

A dimensão e prestígio do LNEC estão indelevelmente ligados à personalidade do Eng. Manuel Rocha, como engenheiro com um “E” grande, muito grande, combinando um impressionante currículo académico e uma cultura científica, reconhecidos internacionalmente, com uma elevada capacidade de liderança institucional e de visão do futuro.

A atestar a sua visão, refiro uma frase dita aos engenheiros mais novos, à época designados como estagiários para especialista, como era o meu caso, e que se encontravam a desenvolver atividades de formação e em preparação da sua tese para Especialista. Com a firmeza que o caracterizava repetia que “**no LNEC não havia *plafond* para a imaginação, para a criatividade e para a inovação**”. Esta frase tem ainda mais valor porque proferida no final da década de 60, demonstrando a sua visão para o LNEC.

Falar do Eng. Manuel Rocha é, portanto, falar de uma personalidade de referência a quem a Engenharia portuguesa muito deve pelo elevado contributo para o prestígio nacional e internacional que granjeou.

Era um defensor constante do papel determinante da investigação e da formação contínua. Era um investigador sempre insatisfeito na procura de mais e mais saber, estruturando o Laboratório Nacional de Engenharia Civil com base nestes princípios.

A consequência mais relevante da investigação é a inovação. Refiro, a propósito, um texto de Manuel Rocha, datado de 1971, o qual, com grande atualidade, refere: “O tão falado *technological gap* da Europa em relação aos Estados Unidos é devido, em primeiro lugar, à deficiente ação de desenvolvimento dos resultados da investigação, e não a insuficiência desta última” (fim de citação).

A sua visão da relevância da investigação, como base do desenvolvimento tecnológico, associada aos princípios de rigor e independência técnica, deu origem ao que se pode considerar como o ADN do LNEC, base do seu prestígio nacional e internacional.

O LNEC muito deve ao espírito esclarecido e sempre inovador do Engenheiro Manuel Rocha, preocupado não só com o presente, mas fundamentalmente antecipando o futuro.

Ao pensarmos no nível de cultura científica e técnica, bem como na capacidade de inovação tecnológica em Portugal, não podemos deixar de salientar o contributo e o esforço desenvolvido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Foi esse prestígio que lhe permitiu vencer desafios, tendo sabido adaptar-se às realidades e necessidades do País, não desmoralizando nem desfalecendo perante as dificuldades, numa lógica permanente de aproveitamento das oportunidades face às perspetivas de desenvolvimento.

Num ambiente em que, com frequência, se refere o endeusamento do “mercado”, surge com mais acuidade a necessidade de o País dispor de entidades da Administração Pública fortes e tecnicamente exigentes na defesa da segurança de pessoas e bens e dos interesses do País, designadamente quando estão em causa decisões associadas a investimentos públicos, e na procura de novos desenvolvimentos mobilizadores do conhecimento.

Quanto maior é o peso do mercado maior é a necessidade de o País dispor de órgãos da Administração Pública fortes e tecnicamente exigentes e respeitados, que regulem esse mercado, na defesa intransigente da procura, em cada situação, das soluções técnica e economicamente mais favoráveis.

O Estado, ao apoiar-se fundamentalmente em entidades, muitas vezes voláteis, e em empresas, que pela sua natureza possam estar fora do domínio da responsabilização por atos praticados, fica enfraquecido no necessário apoio à decisão, que necessariamente terá de ser sempre política.

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil, com intervenções em cerca de meia centena de países, foi, é, e será sempre, um trunfo essencial e um excelente instrumento de apoio ao Governo, à indústria de construção nacional e, no sentido mais vasto, à Engenharia portuguesa.

O nosso País precisa de instituições como o LNEC, que serviram e servirão Portugal. A estabilidade ao longo da sua existência tem a ver com a forma como os Governos se têm posicionado no respeito pela instituição, sem lhe impor soluções de gestão não conformes com o seu espírito e a sua missão. Constitui um exemplo de uma instituição pública prestigiada e respeitada, que garante, na sua área de intervenção, a defesa intransigente e desapaixonada desse apoio ao decisor político e, portanto, ao Estado.

Falar do Eng. Manuel Rocha é falar de uma personalidade de excelência a quem os engenheiros portugueses e a Engenharia muito devem numa vida dedicada à defesa da causa pública.

Por todos os locais por onde passou deixou a sua pegada, a sua marca. É o caso da Ordem dos Engenheiros, onde desempenhou as funções de Presidente Nacional.

O seu mandato ficou marcado pela preocupação com o desenvolvimento da atividade cultural da Ordem, dedicando especial atenção à valorização profissional dos engenheiros, defendendo, promovendo e lutando pelo que designou de “educação permanente”, base de uma Engenharia de qualidade e atenta aos constantes desenvolvimentos tecnológicos.

Este pensamento foi transmitido em diversos textos, sendo de realçar o conceito por ele defendido de que “a Universidade deve ensinar a aprender”. Esta afirmação ocorre no princípio da década de 70 do século passado.

Foram muitas as ações que distinguiram a passagem do Eng. Manuel Rocha pela Presidência da Ordem dos Engenheiros, permitindo-me salientar que foi sob o seu mandato que se realizou o primeiro Congresso estatutário da Ordem, que elegeu naturalmente o tema “Formação do Engenheiro”.

Este tema, que sempre lhe foi muito caro e pelo qual sempre se bateu com determinação, foi a sua principal preocupação, tendo referido no discurso de despedida como Presidente da Ordem, em 1979, que “um dos principais objetivos de qualquer sociedade é a formação permanente de quadros, numa perspetiva da educação permanente” (fim de citação).

Por tudo isto e pelo muito que ficou por dizer, a Ordem dos Engenheiros associa-se a esta homenagem promovida pelo LNEC, materializando o reconhecimento pela sua vida dedicada à valorização da Engenharia portuguesa através do seu apoio ao Prémio Manuel Rocha, apoio consagrado no Acordo que eu, como Bastonário, e o Presidente do LNEC, acabámos de assinar.

Recordar o Eng. Manuel Rocha, prestando-lhe esta homenagem, 100 anos após o seu nascimento, é não só a consagração desse reconhecimento, mas fundamentalmente impedir o esquecimento.

Obrigado.